

Viagem a Nova Iorque

Ernesto Cardenal

Tradução de Mariana Ruggieri

Eu parecia estar ainda essa tarde na minha ilha de Solentiname
e não colado a uma janela sobre a baía de Nova Iorque,
Barcos lá em baixo apenas mexendo-se, o avião também lento

O aeroporto Kennedy congestionado a essa hora
era preciso por um tempo dar voltas sobre Nova Iorque
Que milagre me colocou sobre Manhattan nesse entardecer
girando ao redor de arranha-céus pintados de rubro?

No assento ao lado (vazio) peguei um *New Yorker*

“Washington essa semana despertou de um torpor - - Watergate.”

O senador Fullbright teme que desamboquem em um sistema totalitário.

Ladies and Gentlemen: o aeroporto Kennedy segue congestionado
recostando-me contra a janela a água da baía de Nova Iorque

o avião como se ancorado a uma nuvem, não se move

Anúncio de uma ilha - piscina tennis cabanas water sports

The Island Company Ltd., 375 Park Avenue

Caricatura de homem obeso com jornal dizendo à esposa

“Lutar tanto e o Times me chama apenas de *suposto* chefe da Máfia”

Ladies and Gentlemen... agora fomos acionados pelo radar e
vamos diretamente ao aeroporto Kennedy em pouso automático
fábricas, trens, casinhas suburbanas idênticas, carros de brinquedo
e já na pista. Com mais cem aviões, como tubarões.

Gerard me esperava, de barba e jovem, me trouxe

milagrosamente a Nova Iorque, prefere que eu o chame de Tony
vamos em seu velho carro até New York, rios de carros
me chamou para a arrecadação pelos desabrigados de Manágua
sem ter quem pagasse a passagem, diz,

Já consegui, Deus tudo conserta. Trabalha
com órfãos, dependentes químicos, porto-riquenhos pobres
andava por uma quebrada e lhe ocorreu uma arrecadação por Manágua
não havia local, fracassou em Columbia, olhando o céu
viu a catedral episcopal de St. John The Divine, entrou
e o bispo lhe disse “Por que não?”

Presidiários de Nova Iorque deram quadros pintados por eles
índios das grandes planícies também doaram tecidos e cerâmicas
mais rios de carros trens caminhões, as pistas se cruzam
é católico me diz e também zen

antes trabalhou na catedral de São Patrício, não pôde seguir lá
o cardeal atual pior que Spellman
pela rodovia surgem mensagens postos de gasolina drive-ins motéis
um cemitério de automóveis melancólico no crepúsculo
uns hippies estão acampados no mosteiro de Gethsemani, diz
meninos e meninas, o abade permitiu
os mosteiros nos Estados Unidos estão ficando vazios
os jovens preferem pequenas comunas. Conto a ele
que Merton me dizia que essas ordens desapareceriam
e ficariam apenas as pequenas comunas

o céu smog e anúncios
blocos retangulares entre a fumaça
e os contemplativos têm quase todos diz Tony uma mentalidade
burguesa middle-class
Indiferentes à questão da guerra. E à Revolução.

LIQUORS ---- DRUG-STORE

“Te parece muito mudada Nova Iorque?”

Eu estive aqui há 23 anos. Digo: “É a mesma”.

As filas de semáforos vermelhos e verdes
e as luzes dos taxis e dos ônibus.

“Madison Avenue” diz Tony. E rindo:

“É curioso: Ernesto Cardenal em Madison Avenue”. E olho

o cânion fundo, o profundo desfiladeiro de edifícios

onde se escondem detrás de seus vidros *the hidden persuaders*

vendem automóveis de Felicidade, Consolo em lata (a 30 cts)

*** The Coca Cola Company ***

atravessamos o cânion de vidros e Bilhões de Dólares.

“Por séculos não comeram carne; agora que muitos somos vegetarianos

eles comem carne”, diz. Desde uma travessa o Empire State

(sua base apenas). Nas entranhas do Imperialismo.

“Chegam monges famosos para dar conferências sobre ascetismo e

se hospedam em hotéis luxuosos” E já no West Side

Café -- Delicatessen -- Dry Cleaning

Paramos no apartamento de Napoleón, 50 e 10^a Ave.

Na calçada, teen-agers, blue-jeans e olhos azuis

ao redor de bicicletas, ou sentados nas grades.

A campainha não funciona mas Napoleón e Jackie nos esperavam.

Napoleón Chow de ascendência chinesa e nicaraguense

E Jackie é antropóloga especializada em Turquia.

Monástico o pequeno apartamento, mas com tapeçarias persas.

Ligo para Laughlin na sua casa de Connecticut.

Surpreso: “Que raios estou eu fazendo aqui em Nova York?”

Ri lá de Connecticut. Virá no sábado para que nos encontremos,

na sua casa no Village.

Napoleón e Jacque fazem yoga. Em muitos dias jejuam completamente, em outros cozinham muito bem, comida chinesa, turca, nicaraguense.

(“o alimento como alegria; sacramento”)

Eles têm uma gata Angorá que caga como gente na privada.

Terça à noite, a catedral de St. John The Divine

Rua 110, abriu suas portas de bronze para o evento

leio meu ORÁCULO SOBRE MANÁGUA (aquele sobre o Terremoto) entre quadros de presidiários, cerâmicas dos índios das grandes planícies.

Um rabino proclama, barbas compridas: “A culpabilidade nossa nessas tragédias...” e o Decano da Catedral: “Nosso Sistema Senhor, que agrava essas catástrofes...” (E penso: Os Somoza

um terremoto de 40 anos). Brother David beneditino: “E é em Nova Iorque Senhor quem diria onde nos congregamos de diversos países e religiões para rezar por Manágua, e meditar

sobre quanto daqui deveria ser destruído”

Dorothy Day doente, não pôde vir.

María José e Clemencia, nicaraguenses interessantes (eu conheci o pai delas) me perguntam como ficaram essas ruas (o conheci uma vez naquela noite de abril

em que íamos tomar de assalto a Casa Presidencial --

Chema, foi torturado e assassinado)

Só consigo dizer: “Eu conheci o pai de vocês”

No coro, slides (as cores radiantes) dos Escombros.
Corita (ex-sister Corita) deu 6 quadros para Manágua.
Daniel Berrigan me espera amanhã

Central Park (up town): E me digo: por ali estão os cisnes.
Me lembro de minha Liana, e dos cisnes.
Casou-se. Os cisnes ainda estarão ali.
Louis, uma vez, querendo pegar um cisne, um dia de fome.
Voltei a ver outra vez as pessoas na rua falando sozinhas.
“The Lonely Crowd”.

Com Napoleón e Jacquie em Times Square, nada para ver
e pela rua 48 entre os cinemas pornôis titulosos
Uma loja vazia, 2 policiais tomando notas
A vitrine estilhaçada e ninguém olha (na Broadway)

Com Daniel Berrigan no Thomas Merton Center
Daniel (Dan) de blue-jeans e sandálias como eu, seu cabelo
'o de um malandro da rua depois de uma briga'
e o sorriso com que saiu nas fotos quando foi capturado
pelo FBI (jubilosos entre os policiais sombrios do FBI)
havia lido meus Salmos na prisão.
E também está Jim Forest (pacifista) com um grande bigode,
mais jovem do que eu pensava. Me escreveu uma vez
Dizia que Merton lhe deu um Cristo que eu fiz no mosteiro trapista
Vem chegando de Washington, de uma marcha de protesto
que foi do edifício do Watergate até o Departamento de Justiça.
E Berrigan sentado em cima de uma escrivãzinha, o rosto delgado

sobre o joelho e pelo ralo na cara. Está apenas se recuperando da prisão, me dizem. E uma moça:

“As torturas que *se supõe* não haver nos Estados Unidos”

Esse é um grupo de contemplativos e resistentes, diz Berrigan.

Reunidos uma noite em um convento do Harlem

ocorreu a eles fundar o Merton Center.

Estudam o misticismo de diversas religiões

também dos índios das grandes planícies.

“Merton sofreu horrores no mosteiro” diz Dan

e todos sabemos. E Jim se lembra de

quando lhe proibiram de escrever contra a guerra nuclear porque não era tema monástico.

Dan: “Me disse que não voltaria a ser monge outra vez mas que já o sendo, continuaria sendo-o”.

“Ia chegar em Solentiname depois da Ásia, não?” Diz Jim.

E Dan: “E está seguro de que não chegou?”

E também Dan:

“É uma droga terrível a que aqui temos: a 'Contemplação'

Meditam. Sem pensar nunca na guerra. Sem pensar nunca na guerra. Não se pode estar com Deus e ser neutro.

A verdadeira contemplação é resistência. E a poesia, olhar as nuvens é resistência, descobri na prisão”.

Digo a ele para ir a Cuba, e ele: ainda está em liberdade condicional.

Também digo a ele: “Na América Latina estamos integrando o cristianismo com o marxismo”.

E ele: “Já sei. Aqui não.

Aqui é o cristianismo com o budismo.

Jim, já somos todos budistas, não?
Não tem budismo na América Latina?"

“Não”.

Amanhã será comemorado no Merton Center
o casamento de seu irmão Philip o outro sacerdote,
e a ex-monja Elizabeth McAlister -- e nos convida.
Philip jogou sangue em Maryland sobre os arquivos de recrutamento
depois Philip e Daniel queimaram os arquivos em Catonsville
com napalm de fabricação caseira (sabão em pó com gasolina)
E Jim queimou também com napalm os arquivos em Milwaukee
(e estão recém-saídos da prisão)

Diz-se que Merton certa vez também pensou ação semelhante
Tem uma moça em greve de fome pelo bombardeio do Camboja.
Na parede um poema de Berrigan sobre o Vietnam
em grandes folhas juntadas como um mural.

Quando estou de saída Dan me dá um pão enorme
um enorme pão redondo, assado ali, de trigo puro.

Com Napoleón e Jacquie ao cinema para um filme cubano
MEMÓRIAS DO SUBDESENVOLVIMENTO

não idealizam a Revolução
uma peça documental -- um encontro de escritores --
E creio ver Roque Dalton no documentário
Fidel em um discurso (e parte da sala aplaude Fidel)
Um monte de gente na calçada levava trajes finos: a Ópera.
Para Tony seu avô aristocrático italiano

deixou um sítio nos arredores de Roma.
Vai presentear-lo a alguém. Não quer propriedades.
E Tony diz: "Holy Communion..." (seus olhos incandescentes)
"A Comunhão é minha maior união com os homens cada dia
a Comunhão para mim é o mais revolucionário do mundo"

Philip Berrigan e Elizabeth McAlister
acusados pelo FBI de querer sequestrar Kissinger. --
Festa de casamento no Merton Center.
Contemplativos e radicais, pacifistas, ex-prisioneiros muitos deles
cristãos anarquistas e cristãos budistas
e nessa festa uma Eucaristia com canções de protesto
sentados no chão
de trás do Evangelho falam Jim, Dan, uma mulher jovem
que tinha acabado de jogar sangue sobre a mesa de jantar de Nixon
e de lambuzar de sangue as paredes da sala, em um *tourist tour*
da Casa Branca (a Imprensa não informou nada). Espera
julgamento, talvez anos na prisão, grávida.
Dan Berrigan consagra um pão como o que me deu
e copos de vinho. O pão repartido de mão em mão, e o vinho.
Depois uma coleta... para os acusados pobres de Watergate
"adversários irmãos nossos".
Outra vez a festa. Dan diz: "No more religion"
Galões de 'rosé' y 'blanc' californianos em uma mesa
pudim de passas, torta de maçã, queijos em outra mesa
Um rapaz loirinho muito cabeludo me cumprimenta, Michael Cullen.
Lia meus Salmos na prisão diz,

e eu já li sobre ele

Me dá um folheto que ele distribui: *If Mike Cullen is deported*

Nasceu em uma granja no sul da Irlanda, chegou com 10 anos, não para ganhar dinheiro. Estudou em um seminário. Casou-se, vendia seguros mas sentiu o sofrimento dos apartamentos cheios de ratos

e o sangue correndo em jorradadas na Indochina
queimou sua carteira de recrutamento. Queimou
com Jim os arquivos de recrutamento em Milwaukee
as licenças 1-A para queimar corpos na Ásia
agora querem deportá-lo, crê que o deportarão diz triste
alguém passando coloca dinheiro no seu bolso e lhe diz
“keep going” e ele sorri (triste)

me diz: “o sonho americano virou um Pesadelo”.

Todas as câmeras de televisão sobre Philip e sua esposa.

Phil de olhos azuis. Robusto como um jogador de rugby

'o Gary Cooper da Igreja'

Elizabeth, doce: casaram para ajudarem um ao outro na luta diz
e vão criar uma comuna para ajudar outros a seguir na luta.

Dan com seu sorriso radiante

e sua paz zen

Na saída da Doubleday Bookstore, na 5a Avenida

uns homens e mulheres com túnicas brancas dançando na calçada
e os jovens carecas (de branco) parecem noviços trapenses.

Em uma vitrine:

Visão. Jaqueta de Couro de Cordeiro Persa. Broche
de diamantes e rubis...

Um rapaz com um botton no peito: IMPEACH NIXON

Mulheres como se de plástico.

Atravesso a rua com muito medo: WALK -- DON'T WALK (em vermelho)

Os atendentes das lojas quase todos cubanos

e me parece que estou escutando a língua

de revolucionários

O céu sujo. Sirenes de polícia.

As velhas falando sozinhas

Coronel contava daquele dominicano francês que lhe disse aqui:

“Desde que cheguei há 3 meses não pude fazer uma oração”.

Museum of Modern Art. Sem tempo de entrar. E para quê?

Frank O'Hara trabalhava aqui. Sua poesia ele fazia

na hora do lunch -- sandwiches e Coca Cola.

Uma vez nos escrevemos.

Agora comprei no Brentano's seu LUNCH POEMS (\$1.50)

e os automóveis me fazem lembrar de sua morte

atropelado em Nova Iorque (na hora do lunch?)

WALK -- DON'T WALK

Dorothy Day me espera no *Catholic Worker* diz Tony.

Lembrou no telefone que uma vez me havia escrito.

Livraria de “paperbacks” na 5a Av.

Muitos livros sobre os indígenas. Pawnees. Sioux. Hopis. Os

Hopis, anarquistas e pacifistas, por 2000 anos, gandhianos

nunca declararam guerra nem firmaram tratados (nem sequer

com os E.U.A)

e agora vou me encontrar ao meio-dia com Kenneth Arnold
meu editor em inglês de HOMENAJE A LOS INDIOS AMERICANOS
também está aqui a autobiografia de Alce Negro

Veio uma vez a Nova Iorque com Búfalo Bill
as casas até o céu, as luzes roubadas do poder do trovão.
disse que aqui existiu como alguém que nunca tinha tido uma visão
Raposa Vermelha também com Búfalo Bill. Estimava os indígenas, diz
defendeu-os em Washington. Hora de me encontrar com Kenneth.
Veio de Baltimore. Combinamos de nos ver no Gotham Book Mart
I Have Spoken, já o tenho. Com o discurso de Seattle.

Seattle envolto em seu manto como em uma toga
com sua famosa voz audível a meia milha, no meio
do terreno desmatado: “Minhas palavras são como as estrelas
que não mudam. O que Seattle diz o Grande Chefe de Washington
deve levar em conta como a volta do sol ou as estações...”

Lá fora chove uma chuva sem cheiro
e está chegando a hora do lunch

NO SMOKING

“E quando o último do meu povo estiver morto
e falem de minha tribo como um conto do passado...”

sussuros de pneus sobre ruas chovidas
reflexo de neon no espelho do asfalto molhado
"... e os filhos de seus filhos acreditem estar a sós
no campo, no armazém, na loja, não estarão a sós.
Quando as ruas de suas cidades estiverem caladas e vocês
a acreditem vazias, estarão cheias dos espíritos do mortos.
Disse mortos? Não há morte. Apenas uma mudança de mundo”.

Saio com livros para mais homenagens aos indígenas americanos
e vou ao Gotham Book Mart -- 3 quadras -- e ali está Kenneth.
É jovem, tem barba. Também presente Miss Steloff, o cabelo prateado
a famosa dona dessa livraria. E eu estive aqui uma vez
em uma festa para Edith Sitwell. Miss Steloff
convidou o Coronel e eu e trouxemos Mimí Hammer
e estavam presentes Auden, Tennessee Williams, Marianne Moore, Spender...
Kenneth chega com a capa de HOMAGE TO THE AMERICAN INDIANS
e vamos a um restaurante chinês a meia quadra, e
o lunch chow mein mas antes dois copos de cerveja gelada.
Essa abundância de livros sobre indígenas, diz
é coisa de um ou dois anos. O índio está na moda.
Ele também tem um poema sobre indígenas, melhor dizendo
sobre Búfalo Bill, seu tio-avô. Sim, foi irmão de seu bisavô
o Coronel William Frederic Gody (Búfalo Bill)

Tony passa para me buscar, e me pede desculpa pelo carro.
O dele quebrou. Este, luxuoso, é do pai. (Envergonhado)
Convidados a almoçar pela mãe do Irmão David
(com Napoleón y Jacquie). Apartamento em zona elegante
pela 5a. Ela é Baronesa da Áustria
mas trabalha como empregada doméstica. Distribui seu dinheiro.
Uma moça me trouxe um presente: um Pôster do Watergate
-- Nixon em foto de gangster com o letreiro WANTED
Brother David me diz
“O que diria aos abades nos mosteiros dos Estados Unidos?

Dou risada. “Sério. Se os abades reunidos pedissem seu conselho?”

“Não o seguiriam.” “Mas o que você diria?”

“Que fossem comunistas”.

Uma jovem: “Por que a sociedade primeiro

e não o coração dos homens? Primeiro vem o interior!”

Digo a ela: “Somos sociais. A mudança social não é *exterior*”.

O almoço: iogurte com morango

um pão preto e outro muito preto, leite

uvas azuis, maçãs vermelhas, bananas amarelas

mel, o mais saboroso que provei na minha vida.

Nenhum licor neste almoço. Só eu fumo

(“Já é bastante contaminado o ar para respirar mais fumaça”)

O irmão David fala com umas pequenas contas na mão.

Pergunto a ele: “Será possível integrar o budismo com o marxismo?”

“Através do cristianismo. Vocês integraram

cristianismo e marxismo, e nós aqui cristianismo e budismo”.

Também me diz: “Pentescostais... talvez seja melhor que não os veja.

Parecem possuídos pelo Espírito, mas seguem com a Exploração”.

Tony nos deixa para ir estar com seus órfãos.

Rua 12. Por aqui era o apartamento de Joaquín. Nesta casa,
quase tenho certeza.

O dono de um sebo no Village se apaixonou por minha camisa
minha blusa camponesa nicaraguense

me pergunta quem a inventou.

Um letreiro em ouro: MONEY. (Loja de penhores).

Pergunto pela Charles St. Um homem garboso sentado em um banco: Não sabe, diz. Te posso pedir um dólar? Não come há dois dias.

Parra estava em Chile.

Em todas as telas dos televisores Dean declarando contra Nixon.

Washington Square: Rock no parque
microfone com música eletrônica louca locutores frenéticos
milhares cabeludos uivando com a orquestra negros loiros negras
com a orquestra, descalços barbudos de jóias ou em farrapos
uivando com a orquestra, dando um tapa de erva ou
deitados fumando se beijando bebendo cerveja enlatada.
Grupo de lésbicas gritando. Um pouco mais adiante GAY LIBERATION com bandeira
passivos diante do metodista entoando seus sermões Bíblia em mãos com
coro de senhoras caras-de-paisagem encamisadas até o tornozelo.

Atravessando a rua

duas bichas com suas duas línguas lambem de uma vez
um mesmo cone

Estúdio de Armando Morales, La Mecha: no Bowery
o bairro dos mendigos e do *Catholic Worker*.

É uma bodega. Sem banheiro (toma banho no lavabo com uma esponja
sobre um edição do *Times* para não molhar o piso)
com vinho recordamos Manágua pré-terremoto
diante de tela de La Mecha que a Galeria vendo por 10000 dólares.
Os cinzeiros latas de sardinhas das que se abre com chave,
a tampa enrolada pela metade, e um monte desses cinzeiros.

Me explica: A Galeria põe o preço, e essas são

as “ações” de um pintor. Um comprador de “Morales” investe nele como na General Motors. Se os preços sobem (as ações) investirão mais nele. E se as vendas param a Galeria não pode baixar os preços ainda que morra de fome La Mecha - O preço em queda criaria pânico entre os “acionistas” das cores intrincadas e nus misteriosos de Morales.

Pinta suas cores e depois cobre todo o quadro de preto.

Depois o *afeita*, com gillette, raspando o preto, e sobre o raspado pinta outra vez as cores.

“Agora já sei pintar” diz “posso pintar o que eu quiser.

O difícil é -- o que pintar”

Lembramos daquela cantina em Manágua *Las Cinco Hermanas*

Lembro de umas super-musas que amamos, mais ou menos.

E de quando averiguamos que estávamos na lista de homossexuais da polícia -- ele por ser pintor, e eu por ser poeta.

E ele se lembra daquele bordel “La Hortencia” e eu digo que não ficava ali onde ele diz, era em outro lugar, e que já não existe

construíram depois ali a igreja do Redentor (La Mecha ri)

e eu já sacerdote celebrava ali até que o superior me proibiu

por causa do meu sermão antisomozista (ri mais ainda La Mecha) e além disso já nem o Redentor existe, caiu com o terremoto --

Não pode doar quadros para a arrecadação do terremoto suas pinturas pertencem à Galeria.

Em todos os televisores Dean seguia declarando contra Nixon.

Laughlin é um homem da altura da porta, e

(como eu já sabia por Merton) transbordante de amor.
Quando entramos pergunta à sua esposa pelo vinho de Nicanor.
Onde está o vinho que deixou Nicanor? Tira da geladeira
o vinho português branco São-Não-Sei-Que que Nicanor
deixou da última vez. Estamos com a taça na mão ainda sem beber
e Laughlin levanta a sua em direção ao céu como no Ofertório:
“Por Tom. Tenho certeza que regozijará com esse encontro
onde quer que esteja”. E eu: “Está aqui”. O vinho de Nicanor Parra
delicioso. “É curioso” diz Laughlin “depois da sua morte
vimos que cada um de seus amigos acreditava ser o mais íntimo de Merton”.
Depois de uma pausa e um gole de vinho: “-- E na realidade eram”.
Com Napoléon Chow conversa sobre a China e com Jacquie sobre a Turquia.
Nos dá alguns livros novos da “New Directions”.
Assinamos rapidamente o contrato do meu livro EN CUBA.
Mais vinho. Margaret Randall parece feliz em Cuba -- Que bom.
Tem muita simpatia por ela, ainda que não a conheça.

Nos conta (o público ainda não sabe)

do apaixonamento de Merton dois anos antes de sua morte.
1966. Na primavera. Ele e Parra estavam no mosteiro.
Moça lindíssima. O amor, como um raio. “Loucamente” diz
“mas não quis deixar de ser monge”.
Digo depois que ele é um bom poeta, já o traduzi, e diz que não
Pound lhe disse que não. Rasurava seus poemas
com o famoso lápis. Disse a ele: “Do something useful” e ele
tornou-se editor. Ninguém tinha editor até então, só o Hemingway.
Assistia em Rapallo à *Universidad Ezra*. Almoçava com Pound
e sua esposa no Albergio Rapales. Depois natação ou tênis

e leituras de Villon, Catulo... Pound foi seu pai espiritual.

Conta: Somoza roubou certa vez uma mina de seu tio.

- James Laughlin é neto do Laughlin o rei do aço -

“Claro que sabia”, diz Laughlin (Nixon)

O vinho de Nicanor chega ao fim e vamos a um restaurante francês a três quadras.

“Gostava muito da solidão, e gostava muito de gente.

Amava o silêncio -- e também uma boa conversa.

Merton era gregário, you know, e perfeito monge”

Meia-noite. Em uma tabacaria já o *New York Times* de amanhã

NIXON SABIA DIZ DEAN (comparamos o jornal)

No subway anúncio do Army: meninos em sua formatura -

... depois de se formar é lindo entrar no Army...

E os subways escuros vão grafitados por fora:

nomes de meninos e meninas em muitas cores

Alice 95

Bob 106

Charles 195

e os vagões passam como se estivessem cobertos de flores

(seus nomes e as ruas onde vivem) “escrevem

para que alguém os conheçam, para serem reais” diz Napoleón

Pintados com tinta spray de todas as cores

e até um metro de altura há nomes

Manuel... Julia... José... (muitos porto-riquenhos)

Slums 'sem nenhuma beleza exceto as nuvens'

36 East 1st Street., (Bowery)

com emoção vi a placa pequena na fachada: *Catholic Worker*

um gordo deitado na calçada me pede gentilmente um cigarro
com emoção entro nesse lugar sagrado
ela não estava, mas logo vem pela calçada com outras mulheres
magra, corcunda, com a cabeça branca
ainda é bonita aos 78

beijo a mão da santa e ela beija o meu rosto.

Como minha avó Agustina nos anos 50 (quando ainda
podia ler e era leitora dessa mulher)

Essa é a famosa House of Hospitality que fundaram
Peter Maurin e Dorothy Day durante a Grande Depressão
onde dão comida e pouso grátis a qualquer um que chegue
bêbados loucos drogados vagabundos moribundos
e também é um movimento pacifista e anarquista:
sua meta, uma sociedade em que seja fácil ser bom.

Logo chegariam os pobres para jantar.

Eu estudava em Columbia, e mesmo ali soubemos
que havia morrido um santo no bairro dos mendigos.

Peter Maurin, agitador e santo

dava sermões nos parques:

*“Mandem embora os patrões” ou
“Dar e não tirar
faz da humanidade humana”*

Com uma roupa só, amassada e de outro tamanho. Sem cama própria
nesse lugar que fundou, nenhum canto para seus livros.

Caminhava sem olhar as luzes do semáforo.

E ela consagrada desde então

às “obras de misericórdia e de rebelião”. Uma vida

de comunhão diária e de participação
em toda greve, manifestação, marcha, protesto, ou boicote.
Aqui vêm trabalhar sem salário estudantes, seminaristas
professores, marinheiros, também mendigos, e às vezes permanecem
a vida toda. Muitos foram à prisão ou permanecem lá.
Hennacy fazia greves de fome na frente dos edifícios do governo
com cartazes, distribuindo folhetos e vendendo o jornal
e não pagava imposto porque 85% é para a guerra
trabalhava de peão nos campos para não pagar imposto.
Hugh magro, com calça curta sandália e poncho
também fazia penitência nas ruas.

Jack English, um brilhante jornalista de Cleveland
foi cozinheiro do *Catholic Worker* e depois virou monge.
Roger La Porte era lindo e loiro com 22 anos; se imolou
ateando fogo nele mesmo com gasolina na frente das Nações Unidas.
E um velho *ex-marine*, Smoky Jow, que lutou contra Sandino
na Nicarágua, morreu aqui convertido à não-violência.

Merton trabalhou aqui antes de ir para o mosteiro trapista.
O jornal ainda é vendido a 1 centavo
como quando Dorothy Day saiu para vendê-lo pela primeira vez
na Union Square em um 1º de Maio (1933)
Era o terceiro ano da Depressão
12 milhões de desempregados
e Peter queria com o impresso mais do que uma publicação de opiniões
uma revolução

As panelas já fumegantes
Começam a chegar os pobres, os sem-teto, os do Bowery

para fazer fila. “O *outro* Estados Unidos” diz Dorothy

os homens deslocados pela máquina
e abandonados pela Santa Mãe Estado.

Gritos. Alguém entrou com chutes e socos

-- Dois dos Catholic Workers retiram-no com cuidado

“Nunca chamamos a polícia porque acreditamos na Não Violência”

E me diz também: “Quando visitei Cuba

vi que Sandino era o herói deles

e me alegrei. Porque quando jovem recolhi dinheiro para ele,

quando era comunista, antes de me converter ao catolicismo.

E vi os principais generais de Sandino (ele não)

no México: com seus grandes chapéus, comendo hot-dogs

por que hot-dogs eu não sei”

E enérgica erguendo a sua cabeça branca: “A Cuba de Castro

eu conheço, como já te escrevi. Gostei muito”

Gritos. Agora é uma anã. E ela é levada docemente

levantada no ar como uma boneca.

Conta que agora ajudam os trabalhadores de Chávez

boicotando a rede de lojas A&P. E ela reza, diz

para que os Estados Unidos tenham uma derrota purificadora. Fala

de Joan Baez que em Hanói cantava sob os bombardeios. Diz

que dizia Hennacy: 'Contrário ao que se pensa

não somos os anarquistas os que carregam bombas mas o governo'.

E não há paz porque as ruas ficariam sem trânsito

paradas as fábricas, os pássaros cantando sobre as máquinas

com ela viu na Grande Depressão. Fala dos horrores

que viu no The Women's House of Detention

nas vezes em que esteve presa. E vendo os pobres entrando
repete o que dizia Peter: 'O futuro será diferente
se fizermos diferente o presente'

Um adeus reverente a essa santa anarquista
e a esse santo lugar onde todos são recebidos, com tudo de graça
a cada um segundo suas necessidades
de cada um segundo suas capacidades.

DOWN TOWN. UP TOWN. Bang. Bang. Os trens vão trovejando
sob a terra Up Town e Down Town
com nomes de jovens pobres pintados como flores
Tom Jim John Carolina
o nome e o endereço triste onde vivem. São
reais. Para que saibamos que são REAIS. Bang Bang
os expressos sobre os cabos de alta tensão com
seus luminosos anúncios de Calvert, Pall Mall, e o Army
é lindo entrar no Army

À noite, perto de Wall Street, em um apartamento sem mobília
sacerdotes e laicos e ministros protestantes marxistas
“Mudar o sistema em que o lucro é o fim do homem”
“A ética cristã não cabe nos limites da moral privada”
“A visão do Reino de Deus é subversiva”
Um trabalha com computadores, outro com os pobres.
Domingo à noite, e os andares ainda iluminados em Wall Street.
Estão nos fodendo.

“Hello Bogotá”

“Hello ITT”

2 arranha-céus gêmeos mais altos que o Empire
da metade para cima iluminados
o Imperialismo patente no céu além dos cristais
Hello gostaríamos de mais aridez

Quem é esse outro monstro que se levanta no meio da noite?
O Chase Manhattan Bank fodendo com meia humanidade.
Depois de Wall Street, a ponte do Brooklyn, como uma lira de luzes.
Na sombra dois meninos roubando um carro ao que parece.
Nosso satélite pálido sobre o céu do Brooklyn
achatado como uma bola de rugby.

Cedo no outro dia Tony me leva de novo ao Aeroporto Kennedy
em seu carro franciscano. 6 dias em Nova Iorque.

A Arrecadação seria para a Conscientização.

“A nenhuma instituição!” me diz Tony. No institution.

Não sentei na janela. Ao levantar voo, lá longe

(apenas de relance)

a silhueta dos arranha-céus em um céu de fumaça de carros
ácidos e monóxido de carbono.

